

# ***A pesquisa participante como busca do diálogo e o encontro com a pessoa do outro***

*Carlos Rodrigues Brandão*

Este pequeno escrito sobre a *pesquisa participante* fala muito pouco a respeito de seus passos e de sua metodologia de trabalho. Existem já bons livros a respeito deste tema. Ele se situa de um ponto de vista um pouco mais distanciado, um pouco mais antecedente e um pouco mais abrangente. Ele procura pensar os fundamentos de uma prática solidária de construção partilhada de conhecimentos, defendendo a idéia de que é antes uma postura diante do outro, da outra pessoa, do que uma metodologia de prática científica o que traça a identidade da *pesquisa participante*, em seus vários rostos e entre as suas diferentes alternativas. Ao ousar criar novas formas de conhecimento, a *pesquisa participante* cria na verdade uma única inovação. A idéia de que tal conhecimento somente se cria através do *diálogo* e a serviço do *diálogo*, entre sujeitos diferentes, mas nunca desiguais, situados de um lado e do outro, mas frente a um mesmo horizonte de humanização do mundo e da vida social, através, também, disto a que damos em geral o nome de *pesquisa científica*.

## ***Algumas idéias como esboços de fundamentos da interação humana pesquisa***

Bem sabemos que o que está por debaixo da polêmica inacabável entre a *objetividade-neutralidade quantitativa* e a *subjetividade-interatividade<sup>1</sup> qualitativa* é algo mais do que apenas uma questão de metodologia científica.

De todos os aspectos que envolvem esta e outras polêmicas, inclusive aquela que coloca de um lado os praticantes de estilos interativo-qualitativos de *observação participante*, mas desconfiam ainda do todo ou de partes dos estilos interativo-qualitativo-solidários da *pesquisa participante*, podemos escolher aqui somente alguns para trazer à esta nossa mesa de diálogos à volta da questão da criação de saberes através da pesquisa.

Um deles é a necessidade de uma revisão abrangente e corajosa de modos e modelos de trabalho na busca científico-pedagógica de conhecimentos, frente aos desafios de novos modelos de pensamento dentro e fora do mundo das ciências; de novas dimensões de

---

<sup>1</sup> Que nos seja permitido criar aqui esta bela e indispensável palavra: *interatividade* como um oposto à palavra corrente nos livros de métodos e técnicas de pesquisa experimental: *neutralidade*. Eu nem creio que *interatividade* seja uma palavra que não existe. Talvez ainda não esteja nos dicionários. Mas, como em tudo na vida, e nas pesquisas, a imaginação humana pode e deve sempre anteceder à norma e aos preceitos da norma culta e oficial. Milhares de palavras dos livros de João Guimarães Rosa não estão (ou não estavam) dicionarizadas. Ele as criou e toda a língua com que nos comunicamos ficou tão mais rica de imagens e de sons e de sentidos.

nossas consciências e de suas interações com nossas sensibilidades; de ousadas inovações de imaginários e de significados orientadores de nossas interações conosco mesmos, com os nossos outros, com a vida e com o próprio universo - a começar pela casa comum onde vivemos: o planeta Terra. Mas a começar, também, pela rua onde eu moro e onde nós vivemos. Finalmente, a necessidade de uma revisita corajosa aos fundamentos de uma nova ação social de um valor humanamente transformador, capaz de semear e fazer frutificar entre nós “um outro mundo possível”.

Velhos esquemas e sistemas de pensamento e de pesquisa científica vão sendo cada vez mais colocados em questão. E isto porque na aurora de novos tempos, eles cada vez mais dando menos respostas às perguntas verdadeiramente essenciais. Talvez alguns deles sobrevivam por muito tempo porque é sobre as suas bases que se ergue ainda de uma ciência e uma tecnologia úteis e submissas a projetos políticos e econômicos que tornam mercadoria todas as coisas, inclusive seres humanos como você e eu, e que ainda aportam armas sofisticadas aos exércitos e riquezas inúteis, mas cobiçadas, aos cofres do capital.

Estamos vendo diante de nossos olhos e de nossas escolhas de pensamentos e de ações, o enfrentamento agora não mais disfarçável entre modelos não apenas diferentes, mas divergentes e opostos em questões essenciais. E a primeira pergunta que devemos falar aos que defendem que, tal como a arte, a ciência não deve ter opção de imaginários e de ideologias, é sobre qual tipo de visão de mundo, de imaginário de presente e de que ideologia de criação do futuro eles estão pensando o que pensam e dizendo o que dizem.

Uma outra pergunta deveria ser dirigida a todas e todos nós. Não estaremos deixando o alcance de nossos olhos e de nossas mentes confinado a um campo muito restrito da vida social, frente a tudo o que está diante de nós? Ao pensarmos, por exemplo, quais deveriam ser as nossas escolhas de projetos de educação e de propostas de pesquisas que a tornem mais crítica e mais fecunda, não estaremos presos ainda a idéias e modelos muito estreitos e em boa medida já ultrapassados? Não seria este o momento de nos abirmos sem receios – mas com toda a cautela e todo o rigor devidos a quem se lança a pesquisar qualquer coisa – a novos olhares, a novos sentimentos, a novos sentidos e a novas interações entre tudo isto e tudo o mais?

É na busca de respostas – nunca individuais, sempre solidárias, coletivas, fruto de diálogos, de encontros entre semelhantes, diferentes e divergentes<sup>2</sup> - a estas e a outras perguntas que nós poderíamos nos interrogar a respeito de uma outra questão importante aqui: de que lugar social eu penso o que penso e falo o que eu falo antes, durante e depois de uma pesquisa?

Pois bem sabemos que pergunta alguma é neutra e que pesquisa alguma é também neutra e totalmente objetiva. Por toda a parte assistimos a um esforço de revisão crítica da idéia de uma reducionista neutralidade-objetiva como estilo e vocação da ciência, qualquer que ela seja e de onde quer que ela proceda. . Uma crítica feita a partir da evidência de que

---

<sup>2</sup> *Nenhuma de nós é melhor e nem mais inteligente do que todas nós*”, é uma frase de Marilyn Ferguson - uma ativista norte americana com pelo menos um livro em Português: **a conspiração aquariana** - que um dia me foi contada por Fábio Brotto, um educador criador entre nós dos jogos cooperativos.

todas e todos nós, cientistas sociais “puros” ou não, educadores, participantes ativistas de alguma causa social, étnica, política ou o que seja, sentimos, falamos e interagimos com pessoas e com símbolos e significados. Pessoas e seus sentidos de vida que, de um modo ou de outro, representam sempre escolhas, pontos de vista, imaginários e ideologias.

E, qualquer que seja a nossa orientação teórico-metodológica, pesquisamos alguma dimensão da “realidade” e escrevemos algo desde as nossas investigações, sempre situados em algum tempo-lugar social. Nunca se fala ou se escreve “fora do Planeta” e “para além do Mundo”. Um terceiro ponto é o menos visível nos livros antigos e mesmo nos livros mais atuais a respeito de pesquisas qualitativas e de pesquisas na educação. Os modelos quantitativos nos condicionam a ver “casos” (como “aluno indisciplinado”, “objetos” (como “os atores sociais do sexo feminino em Belém Velho”), “números” (como “os 38% que responderam afirmativamente ao item B”) e “categorias” (como as classes sociais “A”, “B”, “C”, “D” e “E” das pesquisas dos jornais) onde, na verdade, existem e estão: pessoas. Onde há seres que são mulheres e homens, adultos, idosos, crianças, adolescentes e jovens. Pessoas cujas histórias vividas são quase sempre bastante mais humanas, profundas e sofridas do que as nossas histórias de vida conseguem captar.

E bem sabemos também que mais à esquerda dos métodos e das ideologias, de vez em quando um olhar utópico e político enxerga menos a pessoa porque também vê, mesmo depois de trabalhar com “métodos qualitativos”, a “classe social”, o “representante de classe” ou o “grau de consciência”. E, quantas vezes, depois de uma série de entrevistas que revelam tanto da intimidade de cada pessoa, reduzimos um depoimento de vida (a consciência de uma pessoa) a uma fala típica (o conhecimento sobre uma classe ou categoria social), e reduzidos a fala a um frase padrão (a informação) desligada de seu contexto e distante da pessoa que disse aquilo, dizendo tantas outras coisas mais.

Aqueles a quem nos dirigimos, para perguntar, para pesquisar, para educar ou para criar algo juntos, são *pessoas* (como um homem solteiro e recém-chegado à comunidade, uma mulher casada e mãe de sete filhos, uma menina que estuda e também trabalha, um jovem que não sabe se é melhor seguir na escola ou “cair na rua” de uma vez), São *pares de pessoas* (como um casal), famílias nucleares (o casal e mais dois filhos), são *grupos domésticos* (a família nuclear sozinha, ou acrescida de um “pai da esposa” ou de uma “mãe do marido), são *parentelas, redes de parentesco* (a interação socioafetiva e genética de famílias nucleares interconectadas entre parentes consangüíneos e afins), são *grupos de idade* (como as “turmas” de meninos ou de meninas, na escola ou na delícia de uma manhã clara de sol num sábado sem aulas), são *grupos de interesse* (como quando os homens da comunidade fundam um “time de futebol”), são *equipes de trabalhos* (como a de uma “turma de operários da construção civil”), são, coletivamente, *instituições sociais* (como a paróquia católica, a igreja pentecostal, a associação de amigos da Restinga ou a associação de pais e mestres de uma escola), as diferentes unidades individuais ou coletivas que compõem e configuram, entre fios e tons diferentes, a urdidura do cotidiano daquilo a que damos o nome de “tecido social”.

Mas, de qualquer modo, sempre conjuntos interativos “de” e “entre” pessoas. Sujeitos sociais, identidades étnicas ou também sociais, atores culturais (qualquer um, qualquer

pessoas, e não apenas os “criadores populares de cultura”). Seres através de quem uma cultura ou uma fração diferencial de uma cultura é realizada e dada a ser vista... e investigada.

Descobrimos primeiro o sujeito e a subjetividade, na educação e na pesquisa de/sobre a educação. Estamos aprendendo agora a lidar com a inteireza do sujeito desta “subjetividade”. Estamos aprendendo a perder o temor de sermos menos confiáveis por estarmos sendo mais pessoais no modo como trabalhamos, inclusive quando investigamos isto ou aquilo. Mas é justamente no encontro o mais profundo e verdadeiro possível entre dois sujeitos da história, duas atoras sociais do cotidiano, uma professora e um estudante de sua “turma de alunos”, duas pessoas humanas, enfim, que a relação mais humanamente objetiva acontece.

Quando no encontro entre eu-e-você existe em alguma medida uma intenção de amor ou, se quisermos, de aceitação do outro em-si-mesmo e tal como ele é, então é quando em sua maior transparência o eu do outro aparece em mim e para mim. O outro é, inicialmente, um semelhante a mim: fala a seu modo a minha língua, participa a seu modo de minha própria cultura, crê a seu modo no mesmo Deus que eu; e toma no cair da tarde de uma quinta feira o mesmo chimarrão que eu. Por isto ele me atrai de início. Porque mesmo quando um distante (uma mãe-de-família da comunidade de minha escola) ela me é alguém próximo, um semelhante. Interaço aceitando o outro em meu afeto não porque ele é a minha imagem, o que seria um desejo narcísico de me ver nos outros a quem amo. Eu o aceito de maneira incondicional pelo que nele encontro de ressonância em mim. Por isso também Paulo Freire dizia sem cessar que somos todos aprendentes-ensinantes uns dos outros.

Mas eu aceito a seguir em sua diferença de mim. Na imensa maior parte dos “casos” com quem nos encontramos em uma pesquisa de comunidade, estamos diante de pessoas que não sendo nós e sendo de algum modo como nós, são também a medida visível e, em boa medida, lastimável, de nossa diferença. Não moramos no mesmo bairro e nem as nossas roupas são exatamente iguais. Nossos salários podem até não ser muito desiguais, mas os nossos modos de vida cotidiana são. E é nas chamadas “diferenças culturais” que nos acostumamos a ver o que nos torna - em uma sociedade dual e excludente como a nossa - desiguais. Falamos a mesma língua, mas não do mesmo modo e é provável que a biblioteca de minha casa tenha mais livros do que as de todas as casas da comunidade de acolhida de minha escola.

Mas é precisamente aí que nos vemos de gente para uma questão que, quando não resolvida, é o nosso dilema, e que, quando resolvida através de uma escolha amorosa (porque não?) e consciente (claro!) tornar-se a nossa própria vocação. E qual é esta questão? De saída podemos imaginar que não é a mesma questão que enfrenta uma professora de classe média (será a “B” ou a “C”?) que leciona em uma “escola particular de classe média” e convive com alunas e alunos que são como os seus filhos. Quem são as filhas e os filhos das amigas e que partilham a rua, o bairro, o clube, a igreja, o chimarrão e a escolha cultura de “tradições gaúchas”. O que temos pela rente é o fato de que apenas com uma motivação de aceitação plena e incondicional da pessoa do outro, meu/minha

diferente/desigual, eu sou capaz de compreendê-la. De sentir com ele, mesmo que não sinta como ele. De saber colocar-me desde o seu ponto de vista, aceitando-o no como é, como vive e como pensa e diz a mim de seu ser, de sua vida e de seus sentimentos e pensamentos.

Pois é no intervalo entre o reconhecimento da similitude e da diferença entre eu-e-ele que o diálogo torna-se possível. Mesmo quando é o diálogo da meia-hora de uma entrevista de pesquisa. No entanto, entre este “ele” da comunidade de acolhida e eu existe um dado de desigualdade sociocultural não desejada, mas real, que transforma uma diferença entre pessoas em uma desigualdade entre sujeitos de categorias sociais desiguais. E a própria maneira como uma “conversa” entre “ele-e-eu” em uma pesquisa transcurre deixa isto bem claro.

Realizo a minha parte de uma investigação da/na comunidade porque ela é parte de meu trabalho. Mas eu participo dela para além da responsabilidade funcional porque quero acreditar que também ela é um instrumento a mais no trabalho solidário da aventura dos encontros entre pessoas vistas e vividas, de um lado e do outro, como seres a quem toca reduzir e destruir as desigualdades sociais para que não reste mais entre elas nada mais do que as desejadas diferenças de destino ou de escolhas. As diferenças culturais despojadas de qualquer valor de hierarquia, as diferenças étnicas outras.

### ***Algumas idéias ainda em rascunho sobre o diálogo com o outro na pesquisa participante***

#### *primeira*

Podemos acreditar com os diversos inspiradores dos novos modelos de pensamento, dos paradigmas emergentes, que a razão de ser do pensamento e da ciência desta *Era do Conhecimento* não é mais, com prioridade, o gerar e consolidar conhecimentos tão especiais e tão restritos a pequenas confrarias de interlocutores, que não possam estabelecer redes de partilha e participação no seu conhecimento, sequer com campos vizinhos do saber, através de experiências de alta competência, ilusória objetividade e crescente especialização.

A pesquisa serve à criação do saber e o saber serve à interação entre saberes.

A interação dialógica entre campos, planos e sistemas de conhecimento serve ao adensamento e ao alargamento da compreensão de pessoas humanas a respeito do que importa: nós-mesmos, os círculos de vida social e de cultura que nos enlaçam de maneira inevitável, a vida que compartilhamos uns com os outros e todos os seres da vida, o mundo e os infinitos círculos de realização do cosmos de que somos, nossa pessoa individual, nossas comunidades, a vida, o nosso mundo, parte e partilha. Compreendemos não apenas quando nos apropriamos de algo que nos é agora sabido, conhecido. Compreendemos algo quando passamos a fazer parte dos círculos de diálogos em que “aquilo que compreendemos” é compreendido.

Todo o conhecimento competente não vocacionado ao diálogo entre saberes e entre diferentes criadores de saberes – inclusive os situados fora do campo das ciências

acadêmicas e dos saberes autoproclamados como cultos e/ou eruditos – não tem mais valor do que o de sua própria solidão.

### *segunda*

Podemos acreditar num criativo intervalo de comunicação entre os defensores dos modelos de *objetivação da ciência* (os herdeiros da tradição epistemológica da “física social” entre os cientistas da pessoa e da sociedade) e os defensores dos modelos de *subjetividade do cientista* (os herdeiros da tradição epistemológica das ciências do espírito, para quem o fundamento da sociedade é a ação humana e o fundamento da ação humana é a sua subjetividade).

Podemos crer que qualquer que seja o seu campo de realização e, mais ainda, de integração com outros campos de ciências e de interação com outros domínios de criação de conhecimento-valor, a pesquisa científica e o cientista devem lutar por preservar critérios de rigor, de objetividade e de uma honesta competência em seu trabalho.

Mas isto não deve ser contraposto ao crescendo da evidência de que da mesma maneira como é tão una, totalizante, múltipla, complexa, diferenciada, previsível, incerta e conectiva quanto venha a ser qualquer plano do que chamamos de “realidade”, assim também deveriam ser as nossas diferentes alternativas de perceber-la, de investiga-la, de criar teorias de interpretação sobre ela e de buscar compreensões integrativas entre seus vários eixos de conexão.

Qualquer *teoria científica* é uma interpretação da realidade a que se dirige. Uma leitura do real entre outras. E ela vale pela sua vocação de diálogo, bem mais do que pelo seu acúmulo de certezas. Todo o modelo de ciência fechado em si mesmo é uma experiência de pensamento fundamentalista, como o de qualquer religião ou qualquer outro sistema de sentido fanático.

### *terceira*

Podemos acreditar que o fosso de desigualdades e de uso de “maus espelhos” entre as ciências “naturais” e as “sociais” deve tender a ser um intervalo aberto e fracamente dialógico entre umas e outras.

A prática do ambientalismo e as convergências de conhecimentos nas “novas ecologias” (da mais “científica” à “profunda” e à “da mente”) podem ser um bom caminho a seguirmos aqui. Podemos acreditar que, ao contrário do que vimos acontecer ao longo dos últimos séculos, o modelo das *ciências sociais* não é a boa prática e tradição das *ciências naturais*. Hoje em dia e cada vez mais, as ciências da natureza aprendem a relativizar (matemática inclusive), a pluralizar compreensões, a subjetivar métodos e a descobrir e compreender os seus “objetos de estudo” como sistemas de comunicação. E cada vez mais se apresentam como teorias abertas ao diálogo entre leituras diversas do real e, não, através de monólogos de certezas.

Elas parecem tomar, portanto, como modelos de teorias e práticas, os próprios caminhos e dilemas das ciências humanas. Isto não significa uma inversão de domínio, pois o sentido de domínio deve deixar de existir aqui. Significa que de um lado e do outro o avanço da

compreensão entre cientistas está relacionado a um progressivo e irreversível abandono das variantes do positivismo científico e lógico, da redução da compreensão à experimentação e da experimentação à manipulação de sujeitos sobre objetos.

E este caminhar direcionado à construção lenta, diferenciada e progressiva de uma transdisciplinaridade, em nada significa o sonho (um pesadelo, na verdade) de uma ciência única, pan-unificadora. Não converge sequer para a criação de uma pan-teoria geral do saber, mas, ao contrário, abre-se ao que de maneira afortunada Boaventura de Souza Santos chamou de “um conjunto de galerias temáticas onde convergem linhas d’água que até agora concebemos como objetos estanques”. Esta convergência retoma o valor e o sentido tanto das diferentes outras alternativas culturais de construção de saber e de criação de sentido e valor, incluídas aí as diferentes tradições populares e de povos testemunho.

#### *quarta*

Podemos acreditar que a finalidade do conhecimento é também a de produzir respostas às necessidades humanas. Podemos mesmo lembrar a idéia de Bertold Brecht – um poeta e teatrólogo alemão - partilhada por tantas outras pessoas: a finalidade da ciência é aliviar a miséria da condição humana. Isto não significa que a ciência deva ser originalmente utilitária. Se existe uma utilidade fundamental da ciência ela ainda está na criação e ampliação da compreensão humana a respeito dos e das integrações entre os mistérios da própria pessoa, do mundo em que ela vive, da vida em que ela e outros seres da vida se realizam e de totalizações diferenciadas em que tudo isto existe e a que converge, sem perder dimensões de sua identidade.

Mas esta abertura do valor-ciência à compreensão totalizadora, à decifração maravilhada de mistério e ao aporte infinito de saberes-valores a todas as aventuras do diálogo entre pessoas e entre grupos de pessoas, povos e culturas, não deve ocultar o fato de que hoje, mais do que nunca, a sobrevivência e a felicidade cotidiana de pessoas, de grupos humanos, de povos e de nações, de toda a humanidade, no limite, têm exigências urgentes formuladas aos saberes da ciência.

Em um momento da história da trajetória humana em que a metade dos insumos empregados na indústria da morte e da guerra poderia salvar a vida de milhões de pessoas, poderia trazer um fundamento material do direito à felicidade para milhões de pessoas e poderia ser destinado a frear de fato o processo de destruição ambiental do planeta Terra e a regenerar áreas imensas já degradadas em todos os continentes, é tempo de nos voltarmos às perguntas de Rousseau lembradas por Boaventura de Souza Santos no começo de seu livro *um discurso sobre as ciências*.

*Há alguma relação entre a ciência e a virtude? Há alguma razão de peso para substituímos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres de nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria? Contribuirá a ciência para diminuir o fosso crescente na nossa sociedade*

*entre o que se é e o que se aparenta ser, pó saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática?*<sup>3</sup>

#### *quinta*

Podemos aceitar que todo pensamento que imagina saber algo e que enuncia e diz o que alguém pensa, de algum modo, a outras pessoas, a outros pensadores-interlocutores, fala sempre *desde* e *para* um lugar social.

Podemos defender a idéia de que assim como todas as outras práticas sociais, a ciência e a educação que sonhamos praticar e através das quais descobrir e ampliar *ad infinitum* sujeitos e campos sociais de diálogo criador e emancipatório, pretendem estar falando desde o lugar social da comunidade humana concreta e cotidiana. E pretendem se dirigir a comunidades humanas de criadores da vida de todos os dias e da história que esta vida múltipla entretece e escreve.

A escolha dominante e crescentemente dominadora do saber que se cria segundo os interesses do lugar social mercado de bens, e que fala em seu nome e que se dirige não apenas a ele, mas a subordinar todos os outros campos de realização da vida e da criação da história a ele, deverá ser constituído como um plano oposto de nosso diálogo. Um plano não situado fora de nosso desejo de diálogo a partir do “lado da vida”, de que fala Walter Benjamin, pois também ele está constituído por pessoas humanas. Mas um lugar de interesses utilitários sobre o pensamento, sobre a ciência e sobre a educação cuja vocação clara ou implícita e a de reduzir pessoas a mercadorias e criações livres de pensamentos à reprodução robotizada de ordens de serviço, como se toda criação da mente e do coração humano fossem destinados apenas a isto.

#### *sexta*

Podemos pensar com o filósofo francês Jean-Paul Sartre. Podemos lembrar aqui uma de suas passagens mais memoráveis. Em algum lugar de seu livro *A questão do método* (não tenho comigo o original agora e o cito a partir de uma epígrafe sem dados), falando sobre o que é essencial na repartição da vida humana, diz isto:

*O essencial não é o que foi feito do homem, mas o que ele faz daquilo que fizeram dele. O que foi feito dele são as estruturas, os conjuntos significantes estudados pelas ciências humanas. O que ele faz é a sua própria história, a superação real destas estruturas numa práxis totalizadora.*

Lembremos que em Paulo Freire sempre foi cara a idéia de *práxis*: um pensar dialógico e crítico a respeito de uma realidade que uma ação reflexiva - ela própria o pensamento tornado uma atividade coletiva e subversivamente conseqüente - trata de transformar *como e através* de um processo inacabado, mas sempre mais humano e mais humanizador.

---

<sup>3</sup> Está na página 7 do livro . Lembro que Boaventura recorda que Rousseau responde com um “não” às perguntas que ele mesmo formula.



Um processo que se realiza no fluxo da história humana. Também em Boaventura de Souza Santos o momento da superação da dicotomia, da hierarquia forçada entre conhecimento científico (o dos outros sobre nós) e o conhecimento vulgar (o nosso sobre os outros) deverá desaguar na experiência em que “a prática será o fazer e o dizer da filosofia da prática”<sup>4</sup>.

Para além da realização dos planos intelectuais de um sujeito de conhecimento – um filósofo, um cientista, um investigador, um educador – e para além da utilização e dos benefícios dirigidos a quem foi antes um “objeto de conhecimento através de uma pesquisa”, todo o trabalho conseqüente de investigação deve objetivar ser um passo a mais no caminho da realização humana.

Deve ser alguma forma de compreensão mais alargada, mais profunda a respeito de algo não conhecido. De algo imperfeitamente conhecido ou passível de, através de uma outra fração de conhecimento confiável e dialogável, ser incorporado a um “todo de compreensão” mais fecundo. Mais fecundo como conhecimento integrado “a respeito de” e também como possibilidade de realização do conhecimento como um projeto de transformação de algo em alguma coisa melhor.

Todo o bom saber transforma o que há no que pode haver. Todo o conhecimento de qualquer ciência vocacionada ao alargamento do diálogo e à criação de estruturas sociais e de processos interativos - econômicos, políticos, científicos, tecnológicos ou o que seja - sempre mais humanizadores, integra antes, de algum modo, sujeitos e objetos em um projeto de mudança em direção ao bem, ao belo e ao verdadeiro. A vocação da pesquisa não é a criação do saber. É a criação de felicidade humana através do conhecimento.

Gaston Bachelard poderia não estar pensando o mesmo que eu escrevi acima. Mas é também nele que podemos nos inspirar para aproximar as idéias contidas em suas palavras às de Jean-Paul Sartre. Elas são estas.

*A verdade científica é uma predição, ou melhor, uma pregação. Convocamos os espíritos à convergência, anunciando a nova científica, transmitindo de uma só vez um pensamento e uma experiência, ligando o pensamento à experiência numa verificação: o mundo científico é, pois, nossa verificação. Acima do sujeito, acima do objeto imediato, a ciência moderna se funda sobre o projeto. No pensamento científico a meditação do objeto pelo sujeito toma sempre a forma de projeto*<sup>5</sup>.

Podemos fazer algo com a passagem de Jean-Paul Sartre transcrita linha acima. Podemos refletir sobre ela e podemos pensar como e em que medida ela pode ser um dilema anteposto entre o que sabemos, o que devemos aprender a saber, o que fazemos para aprender a saber e o que fazemos com o que aprendemos a saber. Com o que, entre

---

<sup>4</sup> Boaventura de Souza Santos, *Um discurso sobre a ciência*, Página 10.

<sup>5</sup> Está na pagina 18 de **O novo espírito científico**, editado pela 1968, *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro.

ainda estudantes e já professores, descobrimos que ensinamos também o que não sabemos e, então, pesquisamos.

Podemos tomar a idéia escrita de Sartre e estende-la um pouco. Como um fundamento de pesquisas de vocação participativa, ela poderia ser dita assim.

O essencial não é o que foi feito do homem. O essencial é o que ele faz e não cessa de seguir fazendo com o que fizeram dele.

O que fizeram dele são as estruturas e os processos sociais de poder e de posse de bens, de serviços, de sentidos, de valores e dos meios através dos quais ele pode pensar e estabelecer de maneira livre e solidária situações de gerar o seu próprio aprendizado e criar o seu próprio pensamento. O que seguem fazendo dele é a reprodução sempre atualizada de estruturas de controle de mentes, de corações e de culturas. São as relações sociais fundadas por e fundadoras de relacionamentos humanos regidos pela desigualdade, pela exclusão, pela subordinação, pelo poder de qualificação de atores sociais e de atribuição desigual de sentido às suas vidas, às suas idéias, às suas ações. São os processos programados de robotização da experiência humana e de conseqüente de tolhimento da liberdade, sob a aparência de que nunca houve tanto direito à escolha autônoma<sup>6</sup>. O que fazem dele é o exercício dado por legítimo da – violência, e depois a violência que a violência original do poder e da posse entre desiguais faz existir.

O que o homem faz é o que ele cria

O que ele cria são os gestos de quando o coração e o conhecimento geram os saberes de sua condição de pessoa em busca da construção de sua liberdade. Aquilo que passo a passo ele escreve quando pensa e inscreve quando age sobre e transforma a sua experiência a experiência cotidiana, dentro e através da qual as redes e teias de pessoas que a assumem como uma criação responsável e solidária, constroem e pensam os termos de sua própria história.

Toda a pesquisa, em qualquer circunstância com esta vocação, e qualquer que seja o seu domínio de pensamento, não é mais do que um pequeno, efêmero e indispensável momento em tudo isto.

### *sétima*

Podemos, finalmente, em nosso caso específico lembrar que o destino do conhecimento que produzimos deságua, em primeiro lugar numa comunidade cultural chamada *educação* e, a seguir, nas suas pequenas e insubstituíveis comunidades sociais chamadas escolas, salas de aulas, comunidades aprendentes.

---

<sup>6</sup> Principalmente no que se refere ao número de canais disponíveis nos aparelhos de televisão.

## ***Bibliografia***

*(com textos mencionados aqui e outros que poderão ser úteis)*

Bachelard, Gaston

*O novo espírito científico*

1968, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro

Brandão, Carlos Rodrigues e Fals Borda, Orlando

*Investigación Participativa*

Cetrullo, Ricardo (org)

1985, Instituto Del Hombre/Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo

D'Ambrósio, Ubiratan

*Transdisciplinaridade*

1997, Editora Palas Atena, São Paulo

Diocese de Goiás

*Condições de vida e situação do povo de Goiás*

(oito cadernos de pesquisa)

S/d, Diocese de Goiás/UCG, Goiânia

Freire, Paulo

*Criando métodos de pesquisa alternativa*

In: Brandão, Carlos Rodrigues (org)

*Pesquisa participante*

1981, Brasiliense, São Paulo

Moraes, Maria Cândida

*O paradigma educacional emergente*

2000, Papirus, Campinas

Popper, Karl Rudolf

*Conhecimento Objetivo*

1975, Itatiaia/EDUSP, São Paulo

Santos, Boaventura de Souza

*Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade*

Cortez Editora, São Paulo

Santos, Boaventura de Souza  
*A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência*  
2001, Cortez Editora, São Paulo

Santos, Boaventura de Souza  
*Um discurso sobre a ciência*  
Afrontamento, Porto, 2001 (12<sup>a</sup> ed)

Santos, Boaventura de Souza  
*A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência*  
Volume I  
Cortez Editora, São Paulo, 2001

***Rosa dos Ventos – inverno de 2005***